

OPINIÃO

História, disciplina em decadência na escola portuguesa

MANUEL BAIOA

PROFESSOR DE HISTÓRIA NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS N.º 1 DE BEJA E INVESTIGADOR DO CIDEHUS - UNIVERSIDADE DE ÉVORA

nas últimas décadas a disciplina de história tem perdido importância na correlação de forças entre as diferentes disciplinas que compõem o currículo do 3.º ciclo do ensino básico (7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade) e do ensino secundário (10.º, 11.º e 12.º ano de escolaridade) e tornou-se a disciplina com piores resultados nos exames nacionais do ensino secundário, tendo tido uma média de 9,42 valores em 2018.

A situação que se vive hoje é o resultado de décadas de desinvestimento no ensino da história. Em 1991, quando o atual programa de história do 3.º ciclo do ensino básico foi homologado, o currículo previa uma carga horária de três aulas semanais de 50 minutos no 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade. As reformas curriculares ocorridas em 2001 e 2012 levaram a uma perda de relevância da disciplina de história, uma vez que o quadro normativo e a pouca autonomia das escolas obrigou a reduzir a carga letiva da disciplina para sete ou oito aulas semanais no somatório dos três anos do 3.º ciclo do ensino básico. No presente ano letivo voltamos a ter uma nova reforma curricular com a introdução da disciplina de cidadania e desenvolvimento, entre outras mudanças. A disciplina de história voltou a perder importância, prevendo-se que, quando a reforma estiver concluída dentro de dois anos, passe a dispor de apenas seis aulas no somatório dos três anos do 3.º ciclo do ensino básico. Portanto, os alunos terão apenas duas aulas semanais de história no 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade, quando no passado tinham três aulas. Para cada ano letivo há uma perda de cerca de 33 aulas, pelo que no conjunto do 3.º ciclo os alunos terão aproximadamente menos 100 aulas de história. A subalternização da história levou a que algumas escolas tivessem avançando com o experimentalismo de a transformar em disciplina semestral. Neste quadro, os professores de história poderão vir a ter 11 turmas para completar o seu horário de trabalho, tendo neste caso cerca de 300 alunos.

A desvalorização da história teve efeitos trágicos nas aprendizagens dos alunos. Com apenas duas aulas semanais não se consegue ter uma relação pedagógica



profícua e dificulta o trabalho continuado para o desenvolvimento de capacidades e conhecimentos nos discentes. Passou a haver pouco tempo para a análise de fontes, textos, gráficos e mapas, para a elaboração de sínteses e para a promoção do pensamento crítico, entre outras capacidades que a história desenvolve nos alunos. A opinião pública desconhece esta situação, pois no 3.º ciclo do ensino básico não há exame de história, pelo que esta triste realidade fica confinada às paredes da escola.

O desinvestimento nesta área do saber tem o seu corolário no ensino secundário, onde, nos últimos anos, a disciplina de história A tem obtido alguns dos piores resultados nos exames nacionais, superando outras disciplinas tidas como grandes "papões", como a matemática ou a física. Uma grande parte dos alunos que chega ao 10.º ano traz uma preparação muito deficiente ao nível da história e muitos deles ingressam no curso de humanidades não por vocação, mas apenas como fuga à matemática, à física e à química. O programa

de história A do ensino secundário é exigente e inicia-se com o estudo da Grécia Antiga e termina no século XXI. Pressupõe que os alunos dominem a língua portuguesa e um conjunto de conhecimentos e capacidades de história que a maioria não possui. Por isso, muitos alunos do 10.º ano desistem, pois não conseguem acompanhar a exigência que lhes é pedida. Os restantes alunos que se mantêm na disciplina de história A até ao 12.º ano têm de realizar um intenso trabalho para recuperar os conhecimentos e capacidades que não puderam desenvolver nos anos anteriores. Para agravar este quadro negro, a reforma curricular do ensino secundário iniciada neste ano letivo retirou uma hora semanal à disciplina de história A, pelo que passou a haver menos tempo para trabalhar com os alunos.

A sociedade portuguesa tem de refletir e decidir se quer continuar a desinvestir na disciplina de história, pois a continuar por este trilho estaremos a formar certamente cidadãos acríticos e pouco informados sobre a história nacional e internacional.

VOZ DO POVO

NA PAUSA LETIVA DA PÁScoa ONDE FICAM OS SEUS FILHOS?

INQUÉRITO SANDRA SANCHES



FERNANDA FLAUZINO

41 ANOS, DESEMPREGADA

Por enquanto ficam comigo, porque estou desempregada e consigo dar essa resposta. Mas quando eram mais pequenos, e eu não podia, ficavam nos tempos livres, porque não tinha outra alternativa, se bem que a oferta é pouca e os valores, para quem ganha um ordenado mínimo, não são nada acessíveis.



MANUEL CUNHA

50 ANOS, COMERCIAL

Sou pai de dois filhos e por enquanto fica cada um na sua escola porque têm atividades nestas pausas. Mas quando posso tiro uns dias para ficar com eles. Mas há de facto uma carência, quer dentro dos grandes centros urbanos e até dos mais pequenos, em que a oferta que existe é desproporcional à média do poder de compra dos portugueses.



MARGARIDA CARAPUÇA

33 ANOS, ATENDIMENTO AO BALCÃO

Estas situações são muito complicadas. Felizmente, deixo a minha pequena de três anos com a avó, mas se não fosse assim era muito complicado. Gerir o trabalho com as férias da Páscoa, do verão e do Natal, não é fácil. E nós até temos oferta, mas o preço que se paga é um pouco elevado.



MARTA AUGUSTA

39 ANOS, CONTABILISTA

Tenho um filho de nove anos e tenho por hábito deixá-lo na escola, no complemento de apoio à família. É verdade que pagamos um valor por isso, mas tendo em conta que tem alimentação incluída, até me parece acessível. Felizmente nunca tive esse problema, mas acredito que haja quem possa ter.